

# Sentimento de desterritorialização e o desafio da autoestima na experiência da moradia estudantil

Felipe de Almeida Kurosaki Gemelgo, Denise Dias Barros

Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, Brasil.

**Resumo:** A moradia estudantil tem sido pouco abordada em estudos acadêmicos, embora seja experiência fundamental e incontornável para muitos/as estudantes brasileiros/as. Este texto objetiva abrir um diálogo sobre esta dimensão da vida universitária, focando o Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP). Os/as moradores/as deste lugar enfrentam desafios cotidianos, como a distância da terra natal, o sentimento de precariedade e de pobreza, a solidão e as dificuldades diante da própria organização institucional. Neste cenário, a questão da autoestima revela-se tema recorrente no entendimento da experiência da moradia universitária. Para a construção dos dados deste trabalho, recorreremos à etnografia e à pesquisa documental. Apoiamo-nos na análise antropológica e em reflexões da terapia ocupacional social para descrever, de forma densa e detalhada, o cotidiano vivido no lugar, além de desenvolver compreensões das expressões de sofrimento que emergem do contexto. Como resultados, relatos e situações foram discutidos a partir de diferentes categorias de análise: controle e medicalização; desqualificação e criminalização; construção de redes de suporte e expressões de criatividade, e produção de vida. Como conclusão, ressalta-se a importância de estudos e trabalhos específicos, a fim de aumentar o interesse pelo lugar e pelas condições de estadia, viabilizando uma política integral de apoio à formação estudantil. Acredita-se que as abordagens da terapia ocupacional possam contribuir neste sentido.

**Palavras-chave:** *Educação de Graduação, Terapia Ocupacional Social, Estudantes Universitários, Etnografia.*

## Thoughts on the feeling of deterritorialization and the self-esteem challenge in the student housing

**Abstract:** Student accommodation has been rarely addressed in academic studies in Brazil, although it is an essential and unavoidable experience for many Brazilian students. This text aims to open a dialogue on this dimension of university life, focusing on the University of São Paulo Residential Hall. Its residents face daily challenges as the distance from their homeland, feeling of precariousness and poverty, loneliness and the difficulties dealing with institutional organization. In this scenario, self-esteem appears to be a recurrent theme in the understanding of their experiences. This article content was built based on methods as ethnographic and documentary research. With the use of anthropological analysis and reflections of social occupational therapy, the daily life in this locale was described in detail, seeking an understanding of the existent suffering. As a result, we discussed narratives and situations from different analysis dimensions: control and medicalization; disqualification and criminalization; support networks construction, creativity expression and life production. In conclusion, we emphasize the importance of specific studies and works to increase interest in the University of São Paulo Residence Hall and its living conditions for a better student support policy. It is believed that occupational therapy approaches could contribute to this.

**Keywords:** *Graduate Education, Social Occupational Therapy, University Students, Ethnography.*

## 1 Introdução

As vivências pessoais são, muitas vezes, de forma direta ou indireta, um motor dos estudos acadêmicos. Neste trabalho, a experiência pessoal é parte do próprio processo de análise, já que um dos autores foi morador do Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP). Buscou-se criar um campo de análise considerando-se esta relação de proximidade como fonte pertinente e fecunda para reflexão.

Tematizar metodologicamente o olhar etnográfico, como um olhar de perto e de dentro (MAGNANI, 2002), permite dar pertinência a uma dimensão fundamental do conhecimento, que precisa, no entanto, ser trabalhada de forma complementar pelo distanciamento crítico de um “olhar de longe e de fora”, a fim de construir compreensão sobre uma dinâmica cultural específica. Este estudo corresponde, assim, a um enfoque que valoriza simultaneamente a dimensão afetivo existencial e o rigor da contextualização histórica e social da temática em estudo.

O levantamento assistemático bibliográfico realizado para este estudo mostrou que as pesquisas brasileiras sobre “moradias universitárias” são poucas e insuficientes. Foi encontrada uma pequena quantidade de trabalhos, ou seja, percebeu-se que a moradia estudantil raramente se torna alvo de reflexão acadêmica, embora seja condição fundamental e incontornável para muitos/as estudantes e desempenhe um papel relevante na vida de muitos/as jovens durante seus estudos (GARRIDO; MERCURI, 2013). O objetivo deste artigo é, então, abrir um diálogo sobre esta dimensão da vida universitária, com enfoque na moradia estudantil da Universidade de São Paulo, o CRUSP, a partir de estudo realizado entre agosto de 2013 e junho de 2014.

Além do próprio processo de criação do CRUSP, algumas indagações constituíram os elementos norteadores do estudo: Quem são e como são definidos seus/suas moradores/as? Como se dá sua organização e gestão? Como se organiza a disciplina e a modelagem institucional? Quais são os espaços para que os estudantes construam e elaborem suas experiências de moradia neste contexto? Poderia se falar de um poder disciplinar, modelador de corpos, vivências, afetividades, sexualidades e atividades cotidianas?

## 2 O apoio estudantil e o CRUSP

Há, na Universidade de São Paulo (USP), uma Superintendência de Assistência Social (SAS), que é responsável pelo Programa de Apoio à Permanência

e Formação Estudantil (PAPFE). Este programa gerencia a distribuição de recursos e suportes (conhecidos como bolsas) de diversas ordens, para que estudantes em condições socioeconômicas adversas possam se manter na universidade durante os anos de formação de graduação e pós-graduação. Este investimento, além de visar a uma formação de melhor qualidade, pretende diminuir os riscos de evasão e, assim, otimizar a verba pública aplicada na universidade (UNIVERSIDADE..., 2014b).

Dentre as modalidades de bolsas oferecidas através do PAPFE, existem as vagas para moradia gratuita no Conjunto Residencial da USP (CRUSP), localizado dentro do Campus Armando de Salles Oliveira, a “Cidade Universitária”, no Butantã, São Paulo (UNIVERSIDADE..., 2014b). O CRUSP é composto por oito prédios, seis destinados ao alojamento de estudantes de graduação e dois para os/as alunos/as de pós-graduação (mestrado e doutorado), e tem capacidade para receber cerca de 1.600 moradores/as (UNIVERSIDADE..., 2014b).

### 2.1 O (concorrido) processo seletivo

Apesar de que, idealmente, a política estudantil devesse garantir o acesso aos benefícios para todos/as que deles precisassem, há um concorrido processo seletivo para entrada no CRUSP, que é feito anualmente, de acordo com o número de vagas disponíveis (número comumente muito menor do que a quantidade de interessados/as). Estão habilitados/as a se inscrever os/as alunos/as que cursam sua primeira graduação, mestrandos/as e doutorandos/as, com renda familiar *per capita* de até três salários mínimos (UNIVERSIDADE..., 2014b). Os principais critérios de seleção (e de desempate) na disputa são: ter um local de origem ou “procedência” – geralmente a moradia da família nuclear do/a estudante – distante da USP ou de difícil percurso até esta, combinado com a falta de recursos financeiros, próprios e/ou da família, para custear uma república estudantil ou outro tipo de moradia próxima ao campus. Assim, quanto mais longe seus parentes morarem e quanto menor for sua renda familiar, maior será a chance do/a estudante ser contemplado com tal benefício.

Além destas informações, outros aspectos de “vulnerabilidade” (ou de chances de desistência da universidade) são considerados e podem acrescentar pontos às candidaturas – procedimento conhecido como “parecer social”. Os pareceres sociais são usados em situações em que os/as estudantes tenham relações familiares conflituosas, com recusa da família em dar apoio, material e afetivo, para que estes/as se mantenham estudando; experiências

de sofrimento psíquico; e/ou a pessoas que fazem uso abusivo ou prejudicial de álcool e outras drogas. Estas situações não são avaliadas a partir dos questionários pré-estabelecidos. Os pareceres também podem ser aplicados para a renovação de vagas, nos casos dos já moradores.

Consideradas estas regras, preveem-se duas etapas na composição do processo de seleção: primeiramente, uma fase informatizada, com preenchimento de formulários em sistemas específicos da universidade, em que os acessos são restritos e individuais aos/as estudantes. São questionários com vários itens, cada qual conferindo um *score*, sobre o perfil socioeconômico dos/as alunos/as: dados e históricos escolares; endereços e propriedades; transportes utilizados e propriedades veiculares; quantidade de refeições feitas no campus; composição do núcleo familiar; recursos financeiros; bolsas recebidas. Em um segundo momento, é realizada entrevista pessoal com uma das assistentes sociais da SAS, para confirmação dos dados preenchidos, tirada de dúvidas, alteração ou ajuste dos dados, orientações específicas, entregas de documentos que atestam ou declaram formalmente as informações fornecidas, como comprovantes de residência e imposto de renda, laudos médicos, cartas, etc (UNIVERSIDADE..., 2014a).

Paralelamente, acontecem duas outras seleções para ingresso em vagas reservadas no CRUSP. Há um número destinado para receber adequadamente pessoas com deficiências, incluindo as adaptações estruturais/arquitetônicas necessárias, e outra parcela para receber estudantes estrangeiros/as que não têm ajuda de seus países para moradia ou não estão vinculados/as a convênios específicos. Para estes, seria muito difícil encontrar critérios justos na comparação de renda, situação ocupacional e outros itens da pontuação com os/as brasileiros/as.

Embora não haja descrição de todas estas informações em documentos oficiais e públicos, existe um conhecimento acumulado por um dos autores do trabalho. Além de ter participado do processo, conviveu com outros/as moradores/as e pôde escutar as narrativas de seus percursos de ingresso no CRUSP. Ademais, parte deste conteúdo consta em sistema *online* da USP, em que os/as estudantes podem acompanhar os procedimentos passo a passo, acesso este que não é permitido ao público em geral.

### 3 A necessária contextualização histórica e política do CRUSP

Uma questão central neste artigo é descrever e discutir as dinâmicas internas, cultivadas pelos/as moradores/as do CRUSP, ou seja, sua dimensão cultural.

Assim, ressalta-se a inegável relevância do passado no presente e dos elementos autobiográficos para a percepção dos acontecimentos e comportamentos, das instituições ou processos atuais (GEERTZ, 1989). Desta forma, como parte da reflexão proposta, torna-se necessária a aproximação deste contexto inclusive do ponto de vista histórico.

O CRUSP é um lugar pouco conhecido e com poucos estudos realizados e, por isso, resgatar e narrar sua história não é uma tarefa simples, principalmente em razão da falta de informações ou da dificuldade em acessá-las, além dos diferentes dados e posições políticas nos registros encontrados. O presente artigo traz uma síntese de sua história, baseada nos elementos comuns ou complementares encontrados nos trabalhos de Couto (1986), Laranjo (2003) e Zalaf (2012).

#### 3.1 O Conjunto Residencial: notas históricas

A ideia de criação do Conjunto Residencial da USP surgiu na década de 1950, com inspiração nos modelos das universidades americanas – com propostas de moradia dentro dos próprios campi. O projeto arquitetônico inicial, de Eduardo Kneese de Mello, previa a construção de 12 prédios com seis andares cada um, em concreto pré-fabricado, com capacidade para abrigar até duas mil pessoas. A maquete, considerada inovadora, recebeu premiação no 12.º Salão Paulista de Arte Moderna (COUTO, 1986; LARANJO, 2003; ZALAF, 2012). Foi durante o segundo governo de Ademar de Barros (1963-1966), em São Paulo, quando se iniciou sua construção.

A programação era destinar os seis primeiros prédios levantados ao alojamento de atletas dos jogos Pan Americanos de 1963, para posteriormente utilizá-los como moradia estudantil. Há divergências de informações sobre o acontecimento dos jogos ou o não acontecimento em São Paulo, naquele ano, devido a um surto de meningite. De qualquer maneira, após o período esperado para o evento, os apartamentos ficaram vazios e não foi elaborada de imediato uma política de ingresso e permanência nos prédios; assim, diante do impedimento da reitoria em liberar as vagas, alguns/mas estudantes, liderados/as por Rafael Kaun, ocuparam 30 apartamentos (COUTO, 1986; LARANJO, 2003; ZALAF, 2012). Segundo informações contidas em um livro escrito por um ex-morador do CRUSP (CUNHA, 2013), desde esta primeira ocupação, havia como critério a vontade de participar ativamente da comunidade para poder juntar-se ao movimento, ou seja, “[...] tendo potencial para ativista político, conseguia vaga [...]”

(CUNHA, 2013, p. 2). Deste modo, iniciou-se a história e a dinâmica de conquista do lugar e da sua organização.

No ano seguinte à ocupação, 1964, o Conselho Universitário aprovou um regimento para o CRUSP, que entrou em vigor em 1966. Neste novo acordo, o Instituto de Serviço Social da época passou a administrar a moradia, tendo por base um rígido estatuto, com pagamento de taxas, além de prever as incumbências dos representantes dos/as estudantes e as regras sobre a administração dos espaços (COUTO, 1986; LARANJO, 2003; ZALAF, 2012). Destas normas, constam, segundo Couto (1986), a separação dos blocos por gênero e uma série de proibições, como: de beijos públicos à embriaguez, ou seja, um conjunto de regramentos morais considerados abstratamente como “atentados à moral e aos bons costumes”, além de jogos proibidos (não há menção sobre quais), porte de armas e uso de substâncias entorpecentes.

Este regimento, dissonante com os interesses, percepção, visão política e necessidades dos/as estudantes, impulsionou a fundação em 1967 da Associação Universitária Rafael Kaun (AURK), em homenagem ao líder da primeira ocupação. A AURK modificou o estatuto do CRUSP e anulou a interferência do Instituto de Serviço Social. Com uma ideia de autogestão, havia assembleias para a tomada de decisões coletivas (COUTO, 1986; LARANJO, 2003; ZALAF, 2012).

Neste movimento, os/as estudantes ocuparam mais um bloco do conjunto, tomaram a sede do Instituto de Serviço Social, queimaram arquivos, distribuíram pílulas anticoncepcionais. E foi neste cenário a primeira vez em que a polícia foi chamada para a mediação de conflitos entre estudantes moradores do CRUSP e a gestão da USP. Como resultado, moradores da época foram presos/as de forma violenta e depois abandonados/as em um ponto distante da Rodovia Raposo Tavares (COUTO, 1986).

O país vivia sob a ditadura militar e parte da repressão praticada era a perseguição, prisão e tortura de líderes estudantis. Naquele momento, o CRUSP se mantinha como palco de resistência política e debates políticos. Era considerado o centro do movimento estudantil de São Paulo e tinha representatividade também nos níveis estadual e nacional (COUTO, 1986; LARANJO, 2003). Em Couto (1986), há a seguinte fala:

*Dado que no CRUSP concentravam-se milhares de estudantes de todo o Brasil, dado que no CRUSP nós conquistamos total liberdade de expressão, reunião, inclusive quebrando tabus*

*conservadores, no aspecto cultural, moral, o CRUSP passou a ser uma referência política na luta pela liberdade, na luta também contra a ditadura militar [...] (COUTO, 1986, 7 min 26 seg).*

O custo deste arranjo foi a invasão, no dia 17 de dezembro de 1968, pelo exército no CRUSP, acompanhada de espancamento, expulsão e prisão de estudantes (COUTO, 1986; LARANJO, 2003; ZALAF, 2012). Após os inquéritos, uns/umas foram soltos/as, outros/as condenados/as, outros/as exilados/as para o Chile, a Argentina e Cuba, sendo que alguns/mas dos/as exilados/as que voltaram foram assassinados/as. Os militares preocuparam-se em legitimar suas ações, ampliar sua sustentação ideológica e apoio social, difundindo suas versões dos fatos. Exemplo disto foi a montagem de uma exposição de objetos que teriam sido encontrados no CRUSP e, por eles, denominados de subversivos (COUTO, 1986).

Depois do ocorrido, o lugar passou a ser usado como espaço para serviços burocráticos (a própria Reitoria ocupou dois prédios), para aulas da Faculdade de Letras, para o funcionamento do Museu de Arqueologia, como sede do Banespa, hotel e abrigo a estudantes estrangeiros/as ligados/as ao Itamaraty. Com o passar do tempo e a falta de manutenção, os prédios foram degradados e inclusive dois tiveram de ser demolidos (COUTO, 1986; LARANJO, 2003).

Somente nos anos finais do Regime Militar no Brasil, em um período de reabertura política, os/as estudantes voltaram a ocupar o CRUSP (por volta de 1979). Houve uma grande mobilização de estudantes vindos/as do interior para assumir a moradia e, como um dos primeiros atos de reconquista, dois andares do “Bloco A” (um dos prédios) foram retomados. Em 1980, um primeiro prédio foi totalmente reocupado. A crise econômica da época e a inflação contribuíram para sucessivas ocupações em 1981, 1982 e 1983. A polícia foi sistematicamente chamada pela Reitoria e, mesmo assim, a repressão não conseguiu impedir o movimento de crescer. Uma das grandes agitações acontecia em razão de muitos/as dos/as moradores/as, participantes das ocupações, não serem estudantes da universidade, mas estarem lá como hóspedes; inclusive, porque alguns/mas destes/as eram acusados/as de ligação ao tráfico de drogas. Além disto, outro ponto de debate era a falta de infraestrutura, pois os prédios estavam velhos e sem manutenção, ou seja, impróprios para uma moradia segura e saudável (COUTO, 1986; LARANJO, 2003; ZALAF, 2012).

Em 1982, o então coordenador da Assistência Social na universidade (na época, chamada Coordenadoria de Assistência Social – COSEAS) reconheceu, em assembleia, a retomada da função de moradia estudantil do CRUSP e a instituição passou, novamente, a administrá-lo (COUTO, 1986; LARANJO, 2003; ZALAF, 2012). Durante estes anos, alguns conflitos e tragédias ocorreram no interior da moradia. Existia uma grande representatividade do movimento *punk* no CRUSP, muito mal visto socialmente. Houve a morte de dois estudantes em uma festa, que, pela precariedade estrutural dos prédios, caíram após apoiarem-se em um tatame de madeira que estava podre. O consumo de drogas no local era amplamente conhecido e condenado publicamente. Assim, o lugar e as pessoas eram criticados duramente via imprensa. Um estigma muito forte foi conferido aos/as moradores/as, considerados/as adolescentes rebeldes, bandidos/as (COUTO, 1986).

A moradia foi continuamente divulgada como um lugar perigoso, com muito tumulto, brigas, cheia de um “pessoal drogado” (COUTO, 1986; LARANJO, 2003). Talvez este tenha sido um período de consolidação de uma série de generalizações, preconceitos e criminalizações construídas e reforçadas sobre o CRUSP e seus/as moradores/as – sintomas estes que persistem até hoje.

Neste jogo de interesses e de forte visibilidade negativa do lugar, de um lado havia a Reitoria, desejando ora a expulsão dos/as moradores/as irregulares ora a desocupação total do CRUSP e, do outro, os/as moradores/as cobrando reformas de emergência nos prédios. E deste momento, em 1984, foi criada a AMORCRUSP - Associação dos Moradores do CRUSP, que conseguiu alguns ganhos para a moradia. Até 1986, aconteceu o desalojamento de todos os moradores irregulares, a expulsão de todos os *punks* e a lacração de alguns apartamentos (COUTO, 1986; LARANJO, 2003).

A partir de 1987, critérios socioeconômicos passaram a ser o fator central para ingresso no CRUSP e um bom desempenho acadêmico tornou-se requisito para a permanência. Os processos eram avaliados em conjunto pela Coordenadoria de Assistência Social da época, pela Associação de Moradores e pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE) (COUTO, 1986; LARANJO, 2003).

Esta história revela marcas de um relacionamento conflituoso em diversos momentos entre a universidade, o CRUSP e seus moradores, exemplificadas por ações de descaso ou desqualificação, e referindo-se, muitas vezes, a divergências políticas.

## 4 Estrutura e organização atuais do CRUSP

Atualmente, o CRUSP tem capacidade para alojar cerca de 1.200 alunos/as de graduação e 400 de pós-graduação. Os números não são exatos, pelas variáveis, como: a possibilidade de “moradores/as hóspedes” nos apartamentos, com consentimento da SAS; alojamentos coletivos e provisórios com cerca de 100 vagas destinadas a atender calouros/as no início do ano, até que seja divulgado o resultado final da seleção para a vaga definitiva, e para os/as alunos/as de pós-graduação, a existência de mais ou menos 30 vagas para “hospedagem eventual”, que são vagas rodiziáveis, para quando estes/as precisam passar pequenos períodos no campus (UNIVERSIDADE..., 2014b).

No Conjunto, oito prédios funcionam como moradia. Sete destes são mais antigos (construções originais do projeto arquitetônico) e recebem os nomes de “Bloco A, Bloco B, Bloco C, Bloco D, Bloco E, Bloco F e Bloco G”. Cada um tem seis andares e 11 apartamentos por andar. De uma maneira geral, nesses blocos, os apartamentos possuem três quartos individuais, banheiro e uma área comum, que pode ser feita de sala de estar ou servir de espaço para que os/as três “moradores/as oficiais”, em comum acordo, recebam um/a quarto/a estudante chamado/a “hóspede”. Nestes prédios, as cozinhas são grandes e comunitárias, fora dos apartamentos, uma a cada dois andares.

O “oitavo prédio” é bem mais novo, inaugurado em 2011, chamado “Bloco A1”. Neste, há uma cozinha pequena dentro de cada apartamento, seis quartos individuais em vez de três, uma área comum e um banheiro, que tem um aumento proporcional de tamanho ao aumento de número de moradores/as, em relação aos apartamentos antigos. Salvo estas diferenças, nas entradas de todos os prédios, há caixas para o recebimento de correspondências, um telefone que faz ligações locais para aparelhos fixos, de livre uso, e um interfone para comunicação interna. Em todos os prédios, há porteiros/as, que têm as funções de controlar a entrada e saída de pessoas não moradoras, de receber as ligações telefônicas e também de mediar conflitos fora dos horários de atendimento do Serviço Social (UNIVERSIDADE..., 2014b), além de vigiar os locais, mantendo a SAS informada dos fatos que julgarem importantes.

Existem, à disposição, serviços de zeladoria/manutenção dos apartamentos, responsáveis, por exemplo, por disponibilizar tintas para pinturas internas, fazer as pinturas das paredes externas dos

apartamentos, consertos de problemas nos sistemas elétrico e hidráulico (internos e externos), empréstimos de ferramentas, consertos e controle dos mobiliários oferecidos (cama e colchão, guarda-roupas, mesa, estante). Também há um serviço específico de seguranças, que fazem ronda e prontidão no local (UNIVERSIDADE..., 2014b).

O CRUSP oferece uma rede de conexão sem fio para acesso à *internet*, que funciona bem apenas em uma minoria de blocos e apartamentos. De forma complementar ou para aqueles/as que não possuem computador próprio, há uma sala “Pró-Aluno” no térreo do Bloco B, com 22 unidades de acesso e uma impressora para uso dos/as moradores/as (UNIVERSIDADE..., 2014b), funcionando das 8 às 24 horas de segunda a sábado, e das 17 às 24 horas, aos domingos, com pausas para almoço e jantar (horários aproximados e mutáveis, sujeitos à presença de monitores/as).

Distribuídos entre os blocos, há espaços coletivos ou “áreas comuns”, como: salas de TV/ vídeo e salas de estudo, ativadas em quase todos os prédios; máquinas de lavar e espaços de varais, nos blocos A, C e F (atualmente); um *playground* no térreo do Bloco A, que tem um “andar para mães”, ou seja, um pedaço destinado para a moradia de pessoas com filhos pequenos, em razão de o térreo ser considerado mais seguro (quanto à escada e altura das janelas); uma sala de recreação/brinquedoteca para as crianças no Bloco D; alojamentos provisórios, citados anteriormente, nos terraços dos Blocos C e G, e uma horta coletiva no Bloco F.

Pertencem ao conjunto CRUSP, o Cinema da USP (CinUSP) e uma padaria/minimercado conhecido como USPÃO, situado no térreo do Bloco F. Existe, também, um salão onde acontecem aulas de dança e artes marciais, máquinas copiadoras e uma cabeleireira que vende alguns produtos cosméticos. O Restaurante Central, conhecido como Bandeirão Central, que é o maior entre os quatro bandejões da USP, onde são servidas as três principais refeições diárias (café da manhã, almoço e jantar), também fica anexado ao CRUSP, em frente ao Bloco G.

## 5 Pesquisando no CRUSP: considerações sobre o método

Na tentativa de inscrever alguns aspectos sobre modos de vida desenvolvidos por moradores/as do CRUSP atualmente – enquanto experiência coletiva –, tentamos certo detalhamento do cotidiano vivido no lugar.

Para Barros (2004), quando conhecemos as situações de moradia de uma pessoa ou um grupo, incluindo suas relações familiares, laços de amizade e os desejos inseridos no contexto, temos reveladas algumas relações entre tais situações, a sociedade como um todo e as estratégias desenvolvidas de produção de autoestima. Partindo-se desta contribuição, definiremos aqui a autoestima como um conceito que extrapola uma condição individual e psicológica, adequando-se melhor a uma construção atravessada por valores, representações e condições sociais, isto é, propomos uma aproximação do conceito com as noções de sentimento de pertencimento – ou do seu questionamento – em uma coletividade; da construção de sentido em um processo; da identidade dos grupos; dos reconhecimentos e associações feitas entre si e a sociedade, e da abertura – ou fechamento – para possibilidades de projetos e fazeres, em determinado meio – no caso, o CRUSP.

Este trabalho tem base na etnografia (GEERTZ, 1989; MAGNANI, 2002; OLIVEIRA, 2006), mas beneficiou-se, também, das reflexões de Silva e Barros (2010) sobre a valorização de histórias de vida, e de contribuições da terapia ocupacional social na abordagem e compreensão de processos relacionais, culturais e existenciais (BARROS, 2004; CONSELHO..., 2011).

Nomearemos, a partir daqui, como “autor-morador” um dos autores do texto, que foi morador do CRUSP. A experiência pessoal exigiu um trabalho reflexivo que Magnani (2002) considera como a consciência do pertencimento, exigindo a superação – parcial – do sentimento de proximidade e o treino de um “olhar admirado”, para a construção crítica sobre o estudo.

Este enquadramento nativo-pesquisador faz partir de um conhecimento acumulado, de uma experiência, em parte, traduzida, que não pode ser descartada. Oliveira (2006) assinala, justamente, que não há um olhar ingênuo em pesquisa, com mera curiosidade, uma vez que sempre estamos sensibilizados/as pela teoria disponível a nós. Por estas razões, como pela busca de um projeto exploratório de qualidade, são necessárias a descrição minuciosa e a consideração analítica do que puder ser captado na observação – especialmente no momento da produção textual.

O conceito de “descrição densa” de Geertz (1989) serve de suporte teórico e permite trabalhar a descrição simultaneamente minuciosa e interpretativa, na busca de construção dos significados ou das teias de significados próprios da cultura. Oliveira (2006) sugere “olhar, ouvir e escrever” enquanto método. A noção de trajetória trazida por Silva e Barros (2010) dá, por sua vez, suporte à perspectiva de

entrar em contato e valorizar narrativas singulares, como maneira de apreender significados, motivações, emoções e valores. Deste conjunto de expressões, revelam-se processos subjetivos e intersubjetivos, simbólicos, históricos e detalhes sobre seus contextos sociais. O método resulta, assim, de uma combinação entre o conhecimento acumulado pela experiência; a pesquisa documental, como o resgate da história do CRUSP; a observação e o registro etnográfico, com apoio em um diário de campo, e o relato e as análises de algumas situações emblemáticas.

## 6 A problemática do estudo

Durante dois anos em que o autor-morador viveu no CRUSP, foi possível conhecer outros/as moradores/as e saber sobre suas situações e histórias de vida. Em momentos como estes, de discussões no CRUSP e sobre o CRUSP, foram narrados – intensos – sofrimentos que alguns/mas de seus/suas conhecidos/as enfrentavam e escutadas histórias similares sobre terceiros/as, revelando a questão da autoestima como tema recorrente e vinculado à moradia. Embora os significados que cada um/a atribui – individualmente – ao tempo e às condições de vivência no Conjunto possam ser bastante diferentes entre si, incorrem em semelhanças muitas vezes, quando se trata de aspectos específicos. Neste sentido, parecem ter ressonância com uma dimensão e compreensão coletivas.

Alguns dos sofrimentos expressam-se em atitudes limites. Duas situações podem conferir melhor inteligibilidade à presente reflexão. A primeira, ocorreu durante o período de férias, em dezembro de 2012. Naquele momento, havia uma estrutura com andaimes sendo montada para a construção de uma grande “árvore de natal” muito próxima ao CRUSP e, em apenas três dias, dois moradores subiram e manifestaram o intuito de se matar. Ambos desceram após árduo trabalho de resgate do corpo de bombeiros; não encontramos, porém, nenhuma notificação dos eventos ocorridos. O outro caso foi o de uma jovem que precisou mudar-se de apartamento, devido a ameaças de um vizinho de quarto. Segundo a SAS, este vizinho expressava “sintomas esquizofrênicos” e a Assistência Social afirmou, em conversa informal com a jovem, que estas situações são frequentes.

Parece pertinente ressaltar aqui que, nos diálogos entre os/as moradores/as, ouve-se comumente dizer que, durante a moradia no CRUSP, “a galera surta, mesmo”, e muitas pessoas acreditam ser o próprio lugar a razão de “entristercer” ou “enlouquecer”. Há situações e relatos de moradores/as debruçarem-se

nas janelas de seus apartamentos, com intenção de suicídio; há históricos de incêndios em apartamentos com suspeita de terem sido provocados; há briga entre grupos de pessoas que vivenciam uma série de violências interpessoais e simbólicas. Todo este cenário define um campo de percepção em que se observa um sofrimento difuso, traduzido frequentemente por meio das expressões utilizadas pelos/as moradores/as como “uma energia meio *bad*”, de bloqueio existencial vinculado ao CRUSP. Barros (2004) critica a constante e rígida clivagem entre real e imaginário nas interpretações dos processos de adoecimento e/ou de sofrimento, e ressalta a importância das relações de interface entre cultura e processos sociais nas dinâmicas tanto de saúde, de sofrimento – que pode ser sofrimento cultural –, como de adoecimento. Ademais, sendo a religiosidade importante dimensão da vida humana (AMERICAN..., 2008) na criação das redes de significados que produzimos sobre a e a partir da própria vida, consideramos fundamental que estudos aprofundados sejam realizados sobre estes espaços de sociabilidade universitária, a fim de compreender tais fenômenos e sensibilizar e orientar ações e políticas específicas.

Expressões de sofrimentos podem, também, ser motivações da intensa procura de moradores/as do CRUSP pelos plantões de atendimento psicológico oferecidos pelo Instituto de Psicologia da USP (IPUSP). Por esta constante, pelos fatos aqui mencionados e pela observação do que chamam “apatia” e “sintomas depressivos” apresentados por muitos/as moradores/as do CRUSP<sup>1</sup>, criou-se recentemente um acolhimento psicológico específico para estes/as estudantes, inicialmente realizado por meio de uma parceria entre a SAS e o IPUSP, e posteriormente, pela contratação de psicólogas para este atendimento via Assistência Social da USP.

As condições de vida no CRUSP podem ser facilitadoras de relações produtivas, mas podem também desencadear processos de angústias e ansiedades, como observado em campo, referido no trabalho de Laranjo (2003) e nos apontamentos feitos por Cunha (2013), ex-morador do Conjunto. Assim, estamos considerando a hipótese de que há características específicas da organização da vida na moradia que a tornam, em certo sentido, inóspita, favorecendo o sofrimento e mesmo o adoecimento de estudantes.

Cunha (2013) traz algumas considerações interessantes. Para o autor, há difíceis questões enfrentadas pelos/as estudantes moradores/as do Conjunto, ficando em destaque: os desafios de adaptação à cidade de São Paulo (para alguns/mas), à vida universitária/ao ritmo de estudo, aos/as colegas

de apartamento; lidar com a saudade da terra natal, da família, dos amores, das amizades; administrar a falta de dinheiro, de amizades, de namorado/a e até de perspectiva profissional. Fala-se ainda da necessidade de ter “jogo de cintura” para se habituar a estas mudanças radicais no cotidiano (CUNHA, 2013, p. 32).

A vaga no CRUSP é um lugar de passagem, onde as pessoas instalam-se para morar sabendo que é temporariamente, em uma fase da vida em que muitas são as dúvidas e os desafios existenciais, sociais e econômicos. Esta condição pode favorecer uma maior dificuldade em uma real apropriação do espaço com a construção de “laços de morada” – de uma relação com os outros e com o mundo por afinidades afetivas e novas trajetórias comuns. Esta sensação difusa foi vivida e relatada por numerosos/as moradores/as, foi mencionada no trabalho de Cunha (2013) e também expressa em um dos depoimentos cedidos a Laranjo (2003).

Além de haver um prazo pré-definido para se morar nos apartamentos, há outras tantas negociações que precisam ser feitas em seus interiores. Como já dito, em cada apartamento há três ou seis moradores/as oficiais, e a combinação entre as pessoas que moram juntas pode acontecer quando estas se conhecem por uma pesquisa (bater de porta em porta), por indicação de amigos, após entrevistas para ingresso, entre outras situações. Assim, é possível que a entrada de cada morador/a seja consensual entre os/as outros/as mais antigos/as, o que a SAS chama de “ingresso por afinidade”, mas nem sempre isto ocorre. Segundo o Regulamento do CRUSP (UNIVERSIDADE..., 1997), depois que o/a estudante recebe a confirmação de que foi contemplado/a com a bolsa moradia-vaga, ele/a tem o prazo de seis dias corridos para ocupar uma vaga por afinidade. Se esta tarefa não for bem sucedida – e muitas vezes não é, em razão inclusive do prazo apertado –, esta entrada poderá ocorrer de forma aleatória, por sorteio.

Nestes casos, são grandes as chances de as pessoas serem desconhecidas umas das outras e quase que, forçadamente, serem obrigadas a conviver de maneira tão próxima – sem que isso reflita, necessariamente, em trocas afetivos simbólicas enriquecedoras e produtivas. Podem dividir apartamento pessoas que vêm de lugares e culturas muito diferentes, que perseguem carreiras distintas e – mesmo até – que têm objetivos de vida conflitivos entre si (CUNHA, 2013). Esse contato estreito e intenso com diversidades, vivido de forma positiva por alguns/mas, é um problema para outros/as. Há moradores/as que mudam várias vezes de apartamentos ou de blocos, “[...] assim

como há apartamentos com grande rotatividade de moradores [...]” (CUNHA, 2013, p. 5).

O contexto é novo, grande e de forte heterogeneidade, e alguns/mas moradores/as deparam-se com fracos suportes, poucas amizades na moradia. Este sentimento de segregação tende a ser maior quanto mais extremas forem as diferenças sociais e culturais. Exemplo disto é a situação dos/as estudantes estrangeiros/as vindos/as de comunidades africanas, que frequentemente criam campos de pertencimentos fechados e defensivos. Deve-se considerar que isto é reforçado por diversas formas de hostilidade entre os grupos culturalmente distintos.

Quando pensamos nas dificuldades de apropriação do espaço enquanto moradia, as questões da temporalidade e das afinidades com outras pessoas podem ser apenas as primeiras barreiras. Há diferentes repressões em vários graus, umas mais sutis, outras mais explícitas, que precisam ser discutidas. Por exemplo: no CRUSP, você não pode “customizar” o lado externo do seu apartamento. Portas pintadas, desenhadas, com *decoupage*, ou plantas do lado de fora, no corredor, não são bem aceitas pela Assistência Social e, às vezes, por outros/as moradores/as. De diferentes maneiras, muitas vezes vivencia-se a lógica do “cabe você, o resto não cabe” – como as suas formas de sexualidade, sua posição política e espiritualidade. Também não é permitido levar ou manter animais no edifício ou nos apartamentos e, segundo o regulamento (UNIVERSIDADE..., 1997), todas as visitas que os/as moradores/as recebem têm de ser registradas em livro na portaria – possíveis resquícios do controle histórico no CRUSP. Muitas dessas coisas não funcionam na prática ou funcionam em casos isolados – que sugerem discriminação.

Existe, no CRUSP, uma série de códigos de conduta e de poder, desenvolvida no interior das práticas sociais, e que forma “tradições” que justificam ou estabelecem hierarquias interpessoais. Assim, “dois/duas mandam mais que um/a”: os/as moradores/as mais antigos/as acabam, em diversas ocasiões, decidindo sobre o ingresso ou a recusa de um/a terceiro/a, segundo suas afinidades. Da mesma maneira, quando dois/duas moradores/as se declaram insatisfeitos/as com a presença de um/a terceiro/a no apartamento, este/a é convidado/a a retirar-se – há casos até de expulsão –, precisando procurar outro local vago para que se mude ou, quando não encontra, sendo sorteado/a para qualquer outro apartamento disponível.

Algumas questões não estão tão relacionadas com o interior dos apartamentos. Outro ponto essencial a ser debatido é o sentimento de isolamento de pessoas

no CRUSP, enquanto moradia localizada dentro de uma imensa universidade. O Conjunto é cercado por múltiplos recursos, condição que não estimula a saída dos/as estudantes do campus. Em muitos casos, acorda-se lá, toma-se café da manhã no Restaurante Central, pega-se o circular e vai-se à aula no campus; almoça-se na USP, estuda-se nas bibliotecas da USP, janta-se na USP e, novamente, dorme-se na USP, preparando-se para acordar no dia seguinte. Até existe a facilidade, para acesso ao lazer, de frequentar as tão famosas festas da USP e do Centro de Práticas Esportivas (CEPEUSP). Dentro do campus, há oferta de serviços, como: bancos; o Hospital Universitário; os atendimentos feitos pela Faculdade de Odontologia, pelo Departamento FOFITO, pelo Instituto de Psicologia; padaria/minimercado; cabeleireiro/cosméticos. Um cotidiano que, em algum sentido, é análogo ao das instituições da violência, fazendo da USP, em termos basaglianos, um lugar de cerceamento, em que as necessidades se satisfazem no seu interior (BASAGLIA, 2005). Em Laranjo (2003), há depoimento sobre como é perturbador ficar isolado no CRUSP e a necessidade de sair de lá aos finais de semana, como forma de evitar a solidão – “Morar no CRUSP gera desconexão com a realidade [...]” (LARANJO, 2003, p. 65).

Assim, constrói-se uma rotina ritmada pela organização institucional da universidade com seus horários, espaços e serviços. Estes espaços sociais programados geram a falta de espontaneidade e de comunicação com o “resto do mundo”. As regras rígidas são muitas vezes descontextualizadas e desconectadas da vida e das necessidades pessoais, e esta é uma das razões pelas quais surge a necessidade de burlá-las, necessidade da “clandestinidade” – como nos casos de posse de animais de estimação nos apartamentos, do cultivo de plantas decorativas etc. Em Couto (1986) e Laranjo (2003), alguns depoimentos confirmam esta análise.

Mencionamos a questão da alimentação e, a esse respeito, cabe saber que os/as moradores/as do CRUSP são automaticamente bolsistas integrais dos Restaurantes da SAS, isto é, não pagam para comer nos espaços dos bandejões. Se, por um lado, este benefício facilita a vida, é, também, mais um fator de desestímulo para que as pessoas saiam do campus, façam compras e tenham o hábito – e o trabalho – de cozinhar, em suas casas, as comidas de seus gostos; assim, muita gente come quase que exclusivamente nos bandejões. Isto é mais uma forma de passividade diante dos desejos, já que fazer compras e cozinhar são atividades cotidianas que formam hábitos importantes da nossa cultura – classificados, pelos terapeutas ocupacionais, como

Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVDs) (AMERICAN..., 2008).

Combinado a esta leitura, um fator crucial não só ao drama coletivo, mas que reforça preconceitos e estigmas em relação aos/as moradores/as do CRUSP (por vezes, chamados/as *vagabundos/as*), é que quem mora lá tem baixa renda, o que é limitador em nossa sociedade para o acesso a bens e exercício de muitos tipos de trocas culturais e sociais, relacionadas ao *status*. O desemprego entre os/as estudantes é grande e a vida é sustentada, comumente, por outras bolsas complementares que a universidade dá – como a possibilidade de envolvimento em projetos de extensões universitárias com financiamento, iniciações científicas, bolsa-livro – e/ou com “bicos” – trabalhos informais e eventuais – feitos pelos/as alunos/as.

Pode-se facilmente notar que o perfil socioeconômico de estudantes dos cursos de maior prestígio na universidade (como medicina, engenharia e direito) tende a ser muitas vezes maior do que de outros/as estudantes da USP e, principalmente, daqueles/as que moram no CRUSP<sup>2</sup>. Não sendo habitado pelos/as filhos/as da elite, o CRUSP pode ser considerado como a parte periférica da Cidade Universitária.

Ainda que a juventude possa ser caracterizada como a fase de vida em que indagações e incertezas tenham importante papel na construção da pessoa, é importante dizer da condição identitária dos/as jovens moradores/as do CRUSP enquanto dependentes do apoio institucional. Há situações que são interpretadas como “humilhação e mendicância” pelos/as moradores/as, que vivem expressões de práticas enraizadas no assistencialismo. Nas palavras de Cunha (2013), nos processos da SAS, você precisa

[...] entregar pilhas de documentos que você nem sabia que existiam [...] Preencher formulários e sofrer uma entrevista onde falta só te perguntar qual papel higiênico que você usa [...] (CUNHA, 2013, p. 6).

Entrelaçando estes apontamentos, é importante considerar que, como já mencionado, as pessoas que estão no CRUSP desenvolvem processos mais ou menos intensos de desterritorialização. Os moradores podem viver situações em que o custo das “rupturas” ou da distância da família, dos amigos e das paixões que tinham até ingressar na universidade torna-se alto. Além disto, muitas vezes, por falta de tempo e/ou de dinheiro, não é possível minimizar esta distância com visitas com a frequência que desejariam. Assim, as redes de suporte da pessoa tornam-se fluidas, não são mais tão presentes.

Há jovens que não retornam às suas casas/famílias nem em feriados prolongados, nem nos períodos de

férias. Alguns/mas, devido a uma relação difícil com a família, outros/as pela dificuldade econômica e pela distância – e alguns/mas, por todos estes e por outros motivos. As razões e maneiras de permanecer neste lugar de passagem e quais os tipos de atividades que um/a “CRUSPiano/a” faz nesses períodos, como organiza seu cotidiano etc., carece de estudo específico. Conforme conceito apresentado por Castel (1998), muitos/as jovens moradores/as do CRUSP transitam entre zonas de vulnerabilidade e de desfiliação sociais.

O preconceito e a criminalização dos/as moradores/as, com agravamento das usuais associações feitas de desqualificação generalizada da juventude, é outra questão que exige análise. Nas produções bibliográficas, o lugar é tratado como “um espaço de drogas”. A mídia veicula informações associando os/as jovens à contestação e o Conjunto como local de consumo exacerbado de drogas, partindo de uma perspectiva paradigmática de “Guerra às Drogas” – diferentemente da visão trazida nas produções de Laranjo (2003) e Zalaf (2012). É comumente ressaltada uma falta de “limites” na vida desenfreada que, supostamente, a maior parte dos estudantes leva – denúncias estas banhadas dos moralismos sociais –, e o CRUSP como lugar de baderna, vandalismo etc. De fato, como indicam as raras pesquisas sobre este lugar (LARANJO, 2003; ZALAF, 2012) e a existência do programa “Na Boca do CRUSP”<sup>3</sup>, de prevenção e acolhimento sobre o uso de drogas, desenvolvido pela SAS, há uma forte frequência do uso de substâncias psicoativas neste lugar.

Tais situações de vida, isoladas ou associadas, podem impulsionar estados de sofrimento. Estes “detalhes” do cotidiano ou dos fazeres são enxergados e problematizados de maneiras específicas em terapia ocupacional (AMERICAN..., 2008) e, conjuntamente, há uma ampliação de tais leituras, que incorporam a importância da noção de “social” na terapia ocupacional brasileira – tratando o adoecimento e o sofrimento como um fenômeno social e individual, às vezes médico, mas também existencial, vivido pelos sujeitos e pelos grupos (BARROS, 2004). Nesta perspectiva, precisamos considerar os conhecimentos acumulados sobre os universos do sofrimento, da existência humana e da própria produção da qualidade de vida, que se mostram diretamente ligados com a ordem social. Não podemos focar apenas nas pessoas, sem participar do trabalho ligado ao meio ambiente, à habitação, à cultura (BARROS, 2004).

Para debater os moradores do CRUSP, é imprescindível entender o Conjunto e sua organização.

Neste ponto, serão apresentadas algumas situações registradas em caderno de campo, escolhidas aqui por revelarem descaso institucional frente a questões internas da moradia ou outras percepções apresentadas por moradores/as.

O primeiro episódio reconta uma briga entre duas mulheres no térreo do Bloco D, que aconteceu diante do porteiro do prédio e de algumas outras pessoas. A cena iniciou-se com uma discussão, que se agravou até o momento em que as duas se agrediram fisicamente. O que se torna essencial ressaltar é que não houve tentativas de interromper a briga e/ou acalmar as moradoras – as protagonistas, em certo momento, decidiram parar de se agredir e foram embora, deixando evidenciada a gravidade da indiferença ou negligência dos/as outros/as moradores/as e funcionários/as diante de situações de conflito interpessoais.

A segunda situação refere-se à falta de energia elétrica, fato frequentemente referido e ironizado nas redes sociais pelos moradores do CRUSP. Foi possível observar a ironia e descontentamento com isto a partir de comentários considerando “normal” acabar a luz no CRUSP durante os finais de semana”.

Aproveitando o uso da tal rede social como um instrumento de pesquisa, registramos agora percepções diferentes – mas não antagônicas – sobre duas questões referentes ao Bandeirão Central. Uma delas reafirma a insatisfação de alguns/mas com a programação, muitas vezes repetitiva, dos cardápios no restaurante, mas os/as demais, por outro lado, destacam o bandeirão como espaço para bons encontros, descanso e conversas.

Também se extraíram da rede a divulgação e a valorização de pontos de doação de roupas e livros no CRUSP, que acontece entre os/as próprios/as moradores/as e geram solidariedade e circulação entre as pessoas. Por fim, salvaram-se relatos de relacionamentos de carinho e “amizade” com funcionários da SAS, como porteiros/as e auxiliares de limpeza.

Trazidas estas situações e juntando-as com os tópicos levantados ao longo do item anterior, “problemática da pesquisa”, em termos de resultados, separamos três categorias de análise sobre dinâmicas no CRUSP.

## 7 Resultados e discussão

A seguir, estão destacadas as três categorias de análise sobre as dinâmicas cultivadas no CRUSP. A primeira categoria está ligada ao controle e à medicalização, seja, por exemplos, pelas regras

de condutas nos apartamentos; pela exigência de cumprimento de uma alta porcentagem de créditos letivos; pelo grande trabalho em divulgar informações sobre drogas e doenças sexualmente transmissíveis, e pela escolha, em muitas vezes, por psicologizar e individualizar questões que podem ser de ordem muito mais coletiva e social do que pessoal e intrapsíquica, uma vez que referidas a todo um grupo (BARROS, 2004).

A segunda categoria é a da desqualificação e da criminalização, na constante associação entre juventude, pobreza e drogas; divulgação social do lugar como espaço bagunçado e perigoso, assim como do/a morador/a sendo vagabundo/a; na vinculação midiática dos acontecimentos negativos no CRUSP, negligenciando, em contrapartida, a exposição dos seus problemas e o interesse em melhorar as condições de moradia.

A terceira e última categoria ressalta a importância das redes de suporte, da criatividade e da “produção de vida”, como estratégias de produção de autoestima. Magnani (2002) reconhece consequências do processo de urbanização e tenta compreender formas de sociabilidade nas grandes cidades contemporâneas. Para esta categoria, sua contribuição é de que a existência de moradores/as, como no CRUSP, por vezes recai como dimensão invisível em muitas leituras políticas – estudam-se ordens macro e esquece-se de valorizar o micro: os/as atores/atrizes do lugar – em que circulam – se socializam de várias formas, criam e exercem estratégias, adotam estilos e rituais de vida. Notamos esta riqueza em exemplos, como o uso coletivo da horta do Bloco F; a prática de esportes no CEPEUSP; a ida a festas ou reuniões em apartamentos com os amigos; a aproximação entre moradores/as e funcionários/as da SAS; o uso dos bandejões como espaços de encontro e descanso, e a circulação de livros e roupas entre os/as moradores.

## 8 Considerações finais

O principal objetivo deste trabalho foi abrir o debate sobre uma dimensão silenciada da vida universitária, muitas vezes considerada menor, mas que compõe a experiência de grande número de jovens na USP, em situações que acontecem cotidianamente (GEERTZ, 1989). Procurou-se descentrar a perspectiva institucional e colocar, no centro, acontecimentos habituais, para gerar entendimentos novos sobre o “concreto vivido” na moradia (MAGNANI, 2002) universitária. Nota-se a importância de se aumentar o interesse pelo lugar e pelas condições de vida dos/das estudantes, para a construção de uma política de apoio à formação

estudantil que seja mais integral e respeite sua complexidade existencial.

Neste sentido, aposta-se para a necessidade de construções e ações transformadoras. Acreditamos que a terapia ocupacional acumulou conhecimentos sobre conexões entre a habitação e as dimensões simbólicas, cidadã e econômica dos indivíduos, podendo desenvolver projetos de extensão universitária importantes e pertinentes. Trata-se de criar formas de evitar processos de ruptura de redes e formação de dinâmicas de estigmatização (BARROS, 2004; CONSELHO..., 2011).

Ademais, a terapia ocupacional utiliza ferramentas potentes em processos de trabalho em grupo; de circulação no território e em espaços socialmente significativos; de construção de projetos de vida; de formas de gestão mais inclusivas; de fortalecimento e/ou desenvolvimento de redes de suporte e de trocas afetivas, culturais, econômicas, e de informações, assim como o manejo de atividades expressivas (BARROS, 2004; CONSELHO..., 2011).

## Referências

- AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION – AOTA. Occupational therapy practice framework: domain and process. *American Journal of Occupational Therapy*, New York, v. 62, n. 6, p. 625-683, 2008. <http://dx.doi.org/10.5014/ajot.62.6.625>.
- BARROS, D. D. Terapia Ocupacional Social: o caminho se faz ao caminhar. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 90-97, 2004. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v15i3p90-97>.
- BASAGLIA, F. A destruição do hospital psiquiátrico como lugar de institucionalização. In: AMARANTE, P. (Org.). *Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 23-34.
- CASTEL, R. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL – COFFITO. Resolução nº 406, de 7 de novembro de 2011. Disciplina a Especialidade Profissional Terapia Ocupacional nos Contextos Sociais e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 24 nov. 2011. Disponível em: <[http://www.coffito.org.br/publicacoes/pub\\_view.asp?cod=2136&psecao=9](http://www.coffito.org.br/publicacoes/pub_view.asp?cod=2136&psecao=9)>. Acesso em: 21 fev. 2014.
- COUTO, N. *A experiência cruspiana*. [S.l.]: [s.n.], 1986. Vídeo (26 min). Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=QD1XXfFS\\_1M](http://www.youtube.com/watch?v=QD1XXfFS_1M)>. Acesso em: 3 out. 2013.
- CUNHA, D. R. R. *O CRUSP visto por um mineiro: 1991-1997*. [S.l.]: [s.n.]. Disponível em: <<http://www>>

ebooksbrasil.org/adobeebook/cruspmineiro.pdf>. Acesso em: 3 out. 2013.

GARRIDO, E. N.; MERCURI, E. N. G. S. A moradia estudantil universitária como tema na produção científica nacional. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 87-95, 2013.

GEERTZ, C. Descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. p. 3-21.

LARANJO, T. H. M. *O CRUSP: processos de socialização e consumo de drogas*. 2003. 140 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>.

OLIVEIRA, R. C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: OLIVEIRA, R. C. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Unesp, 2006. p. 17-35.

SILVA, V. P.; BARROS, D. D. Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em

terapia ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 68-73, 2010. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v21i1p68-73>.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP. Resolução nº 4349, de 02 de janeiro de 1997. Regulamento do Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo. Alterada pela Resolução 4650/1999. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, São Paulo, 4 jan. 1997. Disponível em: <<http://citrus.uspnet.usp.br/leginf/resol/r4349m.htm>>. Acesso em: 3 out. 2013.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP. *Edital 2014 do Programa de Apoio à Permanência e Formação Estudantil para Graduação*. São Paulo, 2014a. Disponível em: <<http://www.usp.br/coseas/COSEASHP/dps/PAPFE2014/OrientacoesPAPFE2014.PDF>>. Acesso em: 4 mar. 2014.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP. *Superintendência de Assistência Social – SAS*. São Paulo. Disponível em: <<http://www.usp.br/coseas/COSEASHP/COSEAS2010.html>>. Acesso em: 4 mar. 2014b.

ZALAF, M. R. R. *Reconhecimento e enfrentamento de necessidades de estudantes com uso problemático de drogas em moradia estudantil*. 2012. 137 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

## Contribuição dos Autores

Ambos os autores são responsáveis pela análise, redação e revisão do texto. O trabalho de campo, contudo, foi realizado pelo primeiro autor. Todos os autores aprovaram a versão final do artigo.

## Notas

<sup>1</sup> Cunha (2013, p. 31) afirma que “[...] infelizmente a depressão existe [...]” e que, na época em que ele vivia lá, chegava a mais da metade das razões apontadas para o não cumprimento dos créditos (quantidade de matrículas e disciplinas cursadas) mínimos, essencial para se manter como morador. O atual Regulamento do CRUSP, vigente desde 1997, indica a exigência de matrícula em, no mínimo, 80% dos créditos relativos ao semestre ideal em curso. Ou seja, o estudante precisa conduzir bem suas atividades acadêmicas para permanecer em situação regular.

<sup>2</sup> Em parte do estudo feito por Laranjo (2003), foi identificada a distribuição dos alunos selecionados para o CRUSP em 1999, segundo caracterização por faculdade/instituto. Nesta estatística, 46% dos estudantes eram da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 5% da Escola Politécnica de Engenharias e apenas 2% da Faculdade de Medicina, que não engloba somente o curso de medicina, mas os de fisioterapia, fonoaudiologia e terapia ocupacional.

<sup>3</sup> O mencionado programa busca atender alunos, docentes e funcionários que têm problemas relacionados ao uso excessivo de álcool e outras drogas, e é formado por uma equipe multidisciplinar (psicólogos, assistentes sociais, médicos psiquiatras e enfermeiras), que promove atividades preventivas e assistenciais. Uma extensão da proposta é realizar trabalhos de atenção a questões que envolvem doenças sexualmente transmissíveis (UNIVERSIDADE..., 2014b).